

A metamorfose do modo de ser e de estar no mundo atual e as reais mudanças na sala de aula presencial

The metamorphosis of the way of existing in today's world and the real changes in the face-to-face classroom

Tatiane Marques de Oliveira Martins¹

tatianemomartins@gmail.com

Resumo

Este artigo parte da leitura de uma campanha televisiva de uma empresa de telecomunicações. Em seguida, também se apresenta uma reportagem de jornal impresso sobre a mudança de comportamento das classes C, D e E no registro de imagens e na afirmação da identidade através do acesso a celulares e a câmeras digitais, para refletir sobre a sociedade e a escola nos dias de hoje, levando em consideração a realidade cultural brasileira no uso dos diversos dispositivos móveis.

Palavras-chave: mídias digitais, sociedade brasileira, escola

Abstract

This paper constitutes a reading of a television campaign of a telecommunications company. Then also presents a printed newspaper report on the change of behavior of classes C, D and E in the registry and in the affirmation of identity by means of the access to mobile phones and digital cameras, in order to reflect upon today's society and school, taking into consideration the Brazilian cultural reality in the use of the several existing mobile devices.

Keywords: digital media, Brazilian society, school

Introdução

Discutirei neste artigo questões referentes à entrada das mídias digitais no processo ensino-aprendizagem presencial. Para posicionar a discussão no tempo e no espaço em que estamos inseridos, no entanto, apresentarei inicialmente impressões minhas do mundo em que vivemos hoje. É importante destacar que minha análise está centrada na sociedade que conheço por ordem prática, não somente teórica. Centralizo, então, esta análise com base nos costumes brasileiros. Não posso, sequer, expandi-la à cultura ocidental como um todo, pois estudos sobre a importância de dispositivos móveis como o celular², por exemplo, demonstram que o aparelho e suas funções são usados de maneiras diferentes por jovens brasileiros,

¹ Mestre em Educação pela PUC-Rio; no momento, cursa o Doutorado em Educação na mesma Universidade. Professora de Língua Portuguesa e Coordenadora Pedagógica do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

² O Google, por exemplo, interessado em entender os usos que as pessoas fazem dos *smartphones*, fez uma pesquisa em mais de 40 países, demonstrando diferenças nos usos, interesses e prioridades. Para acessar a pesquisa: <<http://www.thinkwithgoogle.com/mobileplanet/pt-br/>>.

americanos, alemães, no que diz respeito, dentre inúmeros outros aspectos, ao modo e à frequência ao acesso às redes sociais, à pesquisa na internet, às compras virtuais etc. Da mesma forma, o uso das mídias digitais na sala de aula é diferente de um país para outro de acordo com os costumes e necessidades. Deve-se, então, em pesquisas na área das mídias digitais para a Educação, levar em consideração o interesse cultural de cada país³.

Como sujeito inserida em um mundo social, profissionalmente atuante como professora de renomada escola da cidade do Rio de Janeiro e pesquisadora da entrada das mídias digitais na sala de aula, tenho me questionado sobre algumas atividades referentes às tentativas de inovação das práticas docentes feitas por alguns professores, por sinal, muito bem-intencionados. Não sei bem quando comecei a questionar tais atividades. Lembro-me, no entanto, que no decorrer de minha pesquisa de Mestrado – investigando o trabalho de professores blogueiros que procuravam reformular suas práticas em sala de aula através de seus conhecimentos e crenças em relação às possibilidades dos usos das mídias digitais, principalmente da Internet – me deparei com representações de docentes que indicavam resistência de seus alunos a tais atividades, vistas pelos criadores como algo inovador (Martins, 2011). Isso me fez enxergar uma situação, aparentemente inusitada para mim, que defendia, de forma intensa, a renovação da escola através da entrada das mídias digitais: como poderiam os jovens resistir a participar de atividades *on-line*? Por que estava ocorrendo um estranhamento entre o jovem usuário das mídias digitais em sua vida pessoal e como discente?

Assistindo, porém, a uma propaganda de televisão, percebi que uma nova campanha publicitária – da empresa Vivo de Telecomunicações – apresentava de forma humorada o modo (descartando o estereótipo) como as pessoas estão lidando hoje com a informação. Essas propagandas, que estão sendo ainda hoje (novembro/dezembro de 2012) veiculadas nas redes de televisão, demonstram, através do uso de celular, o acesso rápido e fácil à Internet, isto é, representam o contato imediato dos usuários com Internet.

Em toda a campanha, o enredo é o mesmo: uma pessoa (emissor) começa a falar algo para outra (receptor). Antes, porém, de aquela completar a sua fala – há

³ Em um país continental como o Brasil, muitas vezes, é necessário até mesmo observar a realidade de uma região ou estado para ser mais assertivo na pesquisa.

sempre um espaço de respiração, pensamento ou escolha da palavra certa –, o receptor, criando uma expectativa supostamente verdadeira a partir de sua subjetividade, começa a buscar na Internet de seu celular informações e produtos para a nova situação que lhe está, aparentemente, sendo apresentada.

Em um dos comerciais, por exemplo, um marido interpreta que sua mulher está anunciando que está grávida. Assim que pressupõe isso, ele começa não só a planejar o apartamento para a chegada do filho, mas também inicia uma seleção de produtos de bebê para adquirir: fraldas, chupetas, mamadeiras etc. Em outro, uma esposa acredita que seu marido vai lhe dizer que não a ama mais e que já tem outra pessoa em sua vida. Rapidamente, então, ela muda em seu perfil de rede social a situação de casada para divorciada, começa a planejar cirurgia plástica, emagrecimento, bronzamento, compras para renovar o guarda-roupa, tudo o que parece necessitar para enfrentar a separação e se preparar para uma nova etapa de vida em busca de um novo relacionamento através, inclusive, de *sites* de namoro.

Numa terceira propaganda da campanha, não necessariamente nessa ordem, um casal aparece em seu quarto arrumando malas. O filho mais velho chega e faz uma pergunta aos pais sobre a mala. No entanto, antes de ouvir a resposta completa, infere que eles vão viajar. No mesmo instante, começa a planejar uma festa na casa que terá durante o período de ausência dos pais. O jovem contrata comida, bebida e música pela Internet do celular. Convida também seus amigos pelas redes sociais e contrata várias outras animações e produtos relacionados ao grande evento.

O final de todas as propagandas é comum. O emissor completa a informação que havia iniciado e toda a hipótese criada pelo outro cai por terra. Então, da mesma forma que o receptor iniciou uma série de pesquisas para a nova situação imaginada, também desfaz tudo.

O que percebo, a partir desses exemplos, é muito simples: a rapidez com que uma suposta verdade – que gera uma busca incessante por informações – e o retorno à realidade – que desfaz tudo aquilo que já tinha sido imaginado – mostra como os jovens vivem e interagem com o mundo hoje. Não só o modo como os jovens lidam com o que lhes é apresentado, procurando possíveis soluções para os problemas surgidos, como também a efemeridade com que as coisas passam e são descartadas por eles representam a atualidade.

É claro que, se as mesmas situações fossem apresentadas, na realidade, a pessoas diferentes, suas reações ao dito também seriam, provavelmente, bem diferentes. O que me interessa aqui, no entanto, não é a reação de cada um, mas o que a campanha está aproveitando para demonstrar aquilo que presenciamos e vivemos hoje em nosso dia a dia: a reação direta de buscar na Internet alguma solução para o que estamos vivenciando. Isso, a meu ver, é o maior ponto comum entre as três propagandas apresentadas. Todos os personagens – jovens, por sinal, – mergulham, instantaneamente, com suas fantasias na Internet de seus celulares. Isto é, eles vislumbram, através de um pequeno dispositivo móvel que lhes pertence, um mundo de possibilidades, por suas perguntas e hipóteses.

Duas questões se levantam aos meus olhos a partir dessa campanha:

1. Os jovens e as crianças que estão atualmente em nossas salas de aula estão acostumados, todo o tempo, a manusear dispositivos eletrônicos que lhes permitam acessar um mundo muito além do que aquelas paredes e práticas pedagógicas lhes oferecem. Será que a mera proibição desses recursos tecnológicos nas escolas é, de fato, benéfica como defendem muitos educadores?
2. O acesso à Internet pelos jovens brasileiros⁴ se concretiza principalmente pelas relações sociais em rede, mergulhadas em consumo, aparência e entretenimento. Como conseguir que esse condicionamento – que faz parte dessa sociedade que cada vez mais gira em torno de serviços – se alterne com outros hábitos que lhes proporcionem desenvolvimento de uma aprendizagem mais voltada para o que ainda hoje se considera de maior enriquecimento cultural (escolar) para atuar como cidadão autônomo?

Algumas reflexões

O que podemos ver, a partir das propagandas relatadas acima, é a representação de parte da nossa cultura contemporânea. Chamada por diversos estudiosos de “Cibercultura”, a cultura que vivemos hoje está mergulhada na

⁴ Como já mencionei, há diferenças no modo de usar esses dispositivos de uma cultura para outra.

relação entre as mídias digitais que promovem a interação em rede e a própria interação, isto é, a socialização dos usuários através dessas mídias. Segundo Lemos (2005, p. 1), “as novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços nesse início de século XXI, trazendo uma nova configuração cultural (...)”.

Visto dessa forma, podemos entender a necessidade de os jovens viverem “agarrados” a seus celulares e também computadores, *netbooks* ou *tablets*, consultando-os a todo instante (ZUIN, 2012). Nosso mundo não é mais o mesmo do princípio de meados do século XX. Estamos vivendo um momento de mudanças sociais muito velozes. Estamos vivendo uma metamorfose do modo de ser e de agir no mundo contemporâneo.

Metamorfose significa transformação, mudança. Na zoologia, significa transformação que alguns animais sofrem durante o seu desenvolvimento, adquirindo forma e/ou estrutura totalmente diferentes, porém mantendo a linha de desenvolvimento proposta pela ontogênese. Isto é, metamorfose aqui não é sinônimo de mutação, mas de transformação a partir do que se tem em potência.

A partir da noção desse vocábulo, muito me chamou atenção um artigo, a que tive acesso, cujo título é “A metamorfose do aprender na sociedade da informação”. Já em 2000, o pesquisador Hugo Assmann percebe que as tecnologias atuais dão condições para que se aproveite melhor o potencial cognitivo humano, através das possibilidades de “mixagens cognitivas complexas e cooperativas” (2000, p. 7). Para o autor, o ineditismo que vivenciamos hoje provém de uma parceria cognitiva que as mídias digitais exercem na relação que o indivíduo estabelece com elas. Manuel Castells (2006), por sua vez, demonstra essa “metamorfose” na base da sociedade através da formação de “redes autônomas”, “movimentos sociais em rede” e “redes de cidadãos”. As possibilidades criadas a partir dessas redes, em que os usuários podem produzir, dispor, publicar e divulgar sua própria informação, vêm transformando o modo de ser e estar/atuar no mundo. Isso vem remodelando a sociedade como um todo. Tanto é que autores como Andrew Keen (2009) estão tão incomodados com o espaço de trabalho que vêm perdendo assim como com o peso e notoriedade daquilo que falam, que chegam a ridicularizar a situação:

a verdade e a confiança são os bodes expiatórios da revolução da Web 2.0. Num mundo com um número cada vez menor de editores ou revisores profissionais, como saber no que e em quem acreditar? Como grande parte do conteúdo gerado pelo usuário da Internet é publicada anonimamente ou sob um pseudônimo, ninguém sabe quem é de fato o verdadeiro autor desse conteúdo autogerado. Poderia ser um macaco. Poderia ser um pinguim. Poderia ser até o Al Gore. (2009, p. 23)

Realmente os intelectuais não são mais os únicos detentores da informação, nem os únicos capazes de validá-la, eles devem estar bem preocupados⁵. Mas e os professores na escola... Como ficam?

Se, junto com a Internet, surge uma modificação no modo de ler e de produzir informação, o que acontece com a instituição responsável por desenvolver no ser humano a capacidade leitora? Para Silva (2008),

na Cibercultura os atores da comunicação tendem a interatividade e não mais a separação da emissão e recepção própria da mídia de massa. Para posicionar-se nesse contexto e aí educar, os professores precisarão dar-se conta do hipertexto, isto é, do não sequencial, da montagem de conexões em rede, que permite uma multiplicidade de recorrências entendidas como conectividade, diálogo e participação. (p. 72)

Assmann (2000) também fala sobre o hipertexto⁶. Para ele, o hipertexto exige muito mais do que novas atitudes de aprendizagem. Eu já diria, hoje, que o hipertexto pressupõe práticas de leitura que estariam muito mais afinadas com a forma de como o pensamento trabalha, que, de acordo com Bush (já em 1945) significa dizer que não há indexação por ordem alfabética ou numérica (como sempre fizemos em bibliotecas, referências bibliográficas, catálogos etc.), mas uma operação com base nas associações em redes neuronais:

Quando a mente humana apreende um item, ela salta imediatamente para o próximo que lhe é sugerido por associação de ideias, em função de algum processo complexo de elaboração de “trilhas” que é executado pelo seu cérebro. Esse processo de associação, porém, tem alguns aspectos negativos: as trilhas se apagam, os itens e as associações que produzem não são permanentes, a memória é transitória.⁷

⁵ O novo livro de Clay Shirky (2011), *A cultura da participação*, discute muito bem essa questão, desfazendo de forma elucidativa a visão preconceituosa e mercadológica de Andrew Keen.

⁶ “Composição de blocos de textos, imagens ou sons unidos por janelas eletrônicas acionadas por meio de ligações ou links que os conectam, possibilitando múltiplas trilhas em uma textualidade aberta, inacabada, representada pela rede” (Fernandez, 2009, p. 31).

⁷ Tradução baseada em trecho do artigo publicado no Brasil, a partir do inglês em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>

Então, a partir dessas ideias, acredito que posso inferir que, sendo a cultura contemporânea representada cada vez mais pelo ciberespaço e o ciberespaço podendo ser definido como um grande “hipertexto mundial interativo”. (LEMOS, 2002), posso levantar a hipótese de que a cultura contemporânea está mergulhada no “hipertexto mundial interativo”.

Entendendo dessa forma, passamos a perceber que as mudanças no modo de ser e de agir estão marcadas pelo aumento extremado na capacidade de interação, modificação, colaboração dos textos produzidos. Dito de outra forma, não estamos mais em uma sociedade cuja base é primeiramente a transmissão e a recepção (do professor X aluno, na sala de aula; do apresentador de telejornal X espectador, diante da TV; do jornalista X leitor, do jornal impresso). A cultura contemporânea se baseia, prioritariamente agora, no processo de interação que extrapola os níveis locais (escola, família, igreja e vizinhança próxima). Há, portanto, uma possibilidade de acesso à criação e à recriação, a partir de múltiplas vozes – para além do local e que têm a chance de serem ouvidas divulgadas e perpetuadas – e múltiplos pontos de vista, que também podem ter a sua chance de expressão.

Por isso, Assmann já percebia na virada do século que “o processo do conhecimento se transforma intrinsecamente em uma versatilidade de iniciativas, escolhas, opções seletivas e constatações de caminhos equivocados ou propícios” (2000, p. 11), o que já é próprio do funcionamento mental nos diferentes tipos de pensamento. Além disso, para o autor, o desenvolvimento da capacidade cognitiva dos aprendentes difere se acompanhada ou não das novas tecnologias. Isso parece se confirmar principalmente quando vemos que a construção do conhecimento, feita com o apoio das mídias digitais, pode receber uma interferência muito maior de outras pessoas que também estão construindo seus conhecimentos. Isto é, esse diálogo ampliado – antes pouco ou nada provável sem o auxílio dos meios de comunicação que promovem a interação, a cooperação e a colaboração – resulta em uma mudança real de papel do aprendente, que, ignorado ainda por muitos mestres, sempre precisou escolher caminhos hiperlinkados para percorrer na construção de sua aprendizagem, mas atualmente essas escolhas, ou melhor, essas opções se multiplicam sem precedentes.

Metaforicamente falando, são tantas informações e interações com as quais nos deparamos hoje que não se pode mais esperar que esta geração que já nasce

inserida totalmente em um contexto de Internet aceite de um professor um “pacote” fechado para que ele estude e mostre o que aprendeu em uma prova. Esses “pacotes” estão ultrapassados.

Na verdade, para entender melhor a sociedade contemporânea, precisamos perceber que as mudanças na ciência, na construção do conhecimento, se dão cada vez mais na interação humana. Toda expressão cultural tem a ver com interação. O que muda hoje em dia é que o homem criou uma ferramenta (Internet) que permite estender a capacidade que ele tem de interatividade. Quando se estende essa capacidade de interatividade e, ao mesmo tempo com as mídias digitais, surge uma ferramenta de busca, de acesso à informação cada vez mais poderosa como o Google, juntam-se a extensão da capacidade de interatividade com a extensão do acesso à informação, catalisando, assim, a expressão da divulgação de ideias. O que vemos, então, é que hoje se tem o acesso à informação e, em paralelo, consegue-se divulgar essa informação. Por isso que se diz que as mídias digitais aproximam as pessoas – independente da distância que exista entre elas – e aumenta a capacidade de acesso à informação.

A grande diferença da sociedade contemporânea para a vida pré-internet é que o registro do conhecimento e também do desconhecimento humano expandiu-se prodigiosamente nas últimas décadas e o acesso à informação agora é aberto, isto é, não há mais uma informação pré-selecionada e fechada como havia, por exemplo, com as enciclopédias a que tínhamos acesso. Hoje, podemos encontrar conteúdos bons, bem feitos e verídicos, mas também podemos nos deparar com muito lixo, erros, conteúdos falsos⁸, pois a informação está “crua” à frente dos usuários, não revisada, não preparada, ou foi dada com má fé, o que sempre existiu quando certas “descobertas verdadeiras” se baseavam em premissas falsas. Esse é o “caldo cultural” da sociedade contemporânea. Daí a necessidade de um leitor preparado para lidar com tais possibilidades.

O que percebemos, então, é que as mudanças decorrentes das inovações tecnológicas vêm impactando direta e indiretamente nas diversas áreas de atuação do ser humano. Referindo-se a Nicolaci-da-Costa (2005), Fernandez (2009) diz que

⁸ Um exemplo de informação falsa multiplicada nas redes sociais foi a que gerou problema na comunicação em relação ao concurso do ENEM agora em 2012: A notícia continha a informação de que a prova do ENEM seria feita em casa, pelo computador: <<http://www.g17.com.br/noticia.php?id=460>>. O Ministro da Educação precisou desmentir tal fato e alertar os candidatos de que a prova seria presencial.

os impactos diretos referem-se àqueles decorrentes da interação dos usuários com a rede ou pela interação entre os usuários por meio dela. Já os impactos indiretos são aqueles que repercutem tanto sobre os usuários da rede quanto sobre as pessoas que por ventura ainda não tenham tido qualquer experiência com a Internet. (p.49)

Isso significa que, querendo ou não, assimilando ou não as inovações, estamos sujeitos às mudanças sociais decorrentes dessas transformações. Então podemos pensar de novo a escola... Enquanto no cotidiano da sala de aula pouco tempo se dá para que o estudante fale, argumente e exponha suas reflexões – seja pela falta de tempo, seja pelo número excessivo de alunos ou ainda pela falta de costume em se fazer isso –, em rede ele está o tempo todo interagindo. Talvez por isso o encanto das mídias digitais e o desencanto da sala de aula.

Através das mídias digitais, de forma síncrona ou assíncrona, o jovem tem a seu favor outras condições de participar (se ele desejar e for autônomo) efetivamente do processo de aprendizagem, sendo ora autor, ora coautor, dando sentido à mensagem com suas intervenções. Nesse sentido, afirma Silva (2008, p. 70), “a mensagem não é mais emitida, não é mais um mundo fechado, paralisado, mutável, intocável, sagrado, é um mundo aberto em rede, modificável na medida em que responde às solicitações daquele que a consulta”. E dessa forma, posso dizer que a mensagem do emissor não é mais fechada (metáfora do pacote pronto e fechado, dito anteriormente). Ela passa a estar acessível à “manipulação do receptor” (SILVA, 2008).

Alguns estudiosos podem contra-argumentar sobre essa “manipulação”, afirmando que isso sempre ocorreu, pois, à medida que o receptor recebe a mensagem, ele a manipula, ruma-a, questiona-a e reflete sobre ela quando lhe interessa. Isso é verdade. Koch, por exemplo, diz que na construção do sentido do texto,

há um constante movimento em variadas direções, bem como o recurso ininterrupto a diversas fontes de informação, textuais e extratextuais. Verifica-se que a compreensão não se dá de maneira linear e sequencial, como se pensava antigamente, o que vem a constituir um argumento a mais para afirmar que todo texto é um hipertexto. (2005, p. 63)

O que parece exercer a confusão é o fato de que, quando expressamos o argumento, teremos que o fazer de forma linear, já que a linguagem está construída minimamente desse modo para ser inteligível. Além disso, tem-se que a recepção

de uma informação era um processo praticamente individual, ou melhor, havia uma coletividade restrita, local. Através do hipertexto digital, no entanto, esse processo se torna coletivo estendido, podendo atingir níveis globais. No meio das reflexões e construções do indivíduo, surgem novas interações e reconstruções a partir das novas possibilidades que se inserem.

Posso dar um exemplo sobre essa mudança comparando a televisão e o rádio com o computador em rede. É necessário entender que, diferentemente da TV cuja tela apenas irradia, transmite, e o rádio cujo som entra pelos nossos ouvidos adentro; a tela do computador em rede não pressupõe um mero espectador. O usuário (aquele que usa, diferente daquele que apenas vê ou ouve) agora entra nessa rede, vive também por lá e manipula o que nela encontra. Por isso, talvez, se diga que uma pessoa está na Internet/no computador, vai entrar na Internet/no computador, em oposição à ideia de que alguém está vendo TV ou ouvindo rádio. Enquanto a televisão é para assistir a algo ou a alguém e o rádio, para ouvir alguém falar, cantar, interpretar; a Internet/o computador é para interagir com algo ou alguém. Não é à toa que os programas de rádio e televisão também estão se adaptando e criando formas de interação com o público para não perdê-lo.

Sobre esse tal de hipertexto

Vários autores tratam do hipertexto. Muitos defendem a ideia de que o hipertexto exige um leitor mais experiente, mais ativo, “consciente de sua autonomia” (MOREIRA; BARRETO, 2007), capaz de lidar com esse “novo espaço de escrita” (MARCUSCHI, 2001), numa “atividade nômade de perambulação” (SANTAELLA, 2004), principalmente porque não se apresenta como um todo coeso, nem tem a mesma organização sequencial mais fixa dos textos impressos.

A partir dessa liberdade natural provinda da Cibercultura, fazia-se necessário no final do século XX e bem no início do século XXI que cada leitor criasse “sua própria construção de percurso coerente entre os links” (MOREIRA; BARRETO, 2007, p. 6). No entanto, a ideia de “perder-se” no hipertexto já está se desfazendo hoje com a capacidade semântica de entendimento de busca desenvolvida pelo Google. Ao usuário comum pode não ser perceptível a evolução, visto que a aparência da tela de busca se mantém praticamente igual há anos. Houve, porém,

uma profunda evolução na capacidade de assertividade ao que se está buscando hoje através dessa ferramenta. O que antes era corriqueiro em uma pesquisa (o usuário colocar vários termos, buscar em várias páginas o que estava procurando), hoje, cada vez mais se torna raro, para um usuário comum, ter de passar para a segunda ou terceira páginas oferecidas pelo Google a partir do seu comando, pois essa ferramenta já faz uma análise semântica da nossa busca. Ela não está mais presa somente aos termos que escrevemos. Vai além. Interpreta⁹.

Apesar de concordar com a linguista Ingendore Koch (2005) de que todo texto é um hipertexto – portanto já lidamos com a hipertextualidade há muito tempo –, é claro que um texto impresso em livro, por exemplo, apresenta uma proposta de leitura mais direta, sem a volatilidade e instabilidade intrínseca, principalmente, ao texto em suporte digital, levando em consideração principalmente que na escola se faz uso de textos impressos, em recortes específicos e pontuais. Posso, então, também concordar com a percepção de Marcuschi (2001) de que é necessário rever as estratégias para lidar com esse “novo espaço de escrita” (definição do autor para hipertexto digital), pois, o texto a que temos acesso por meios digitais pode não ser linear nem se mantém, necessariamente, em uma direção (pré-)definida. O problema aqui é que, mesmo quem foi habituado a uma leitura linear mais profunda, vai, certamente, se perder, se distrair, nas leituras em suportes digitais hipermediáticos. Daí a ideia de que o que se precisa é que a escola modifique as formas de ensinar a fim de proporcionar outras formas de aprendizagem para esse usuário que vive navegando, muitas vezes de forma aleatória e sem consciência dos caminhos percorridos, simplesmente pelo rápido acesso que tem em suas mãos.

O novo leitor – o leitor-navegador, o leitor-usuário, o leitor-autor ou qualquer outro modo que queiramos chamá-lo – pode intervir, em processo de coautoria, na base do texto. Enquanto isso, a escola permanece com o processo de construção da aprendizagem fechado, a partir de leituras específicas e pontuais, embora também fragmentadas e recortadas pelos autores dos livros didáticos e professores, a fim de que o aluno leia e tenha um ponto de partida obrigatório (e não apenas ilustrativo) para a criação de seus textos. Isto é, nas atividades práticas, ainda hoje

⁹ Isso, por outro lado, pode até ser visto como um constrangimento, já que, de certa forma, ela exerce uma pressão, induz o pensamento do autor. Essa questão, porém, cabe ser investigada em outro momento.

na escola, o aluno não é levado a construir caminhos autônomos de pesquisa para desenvolver o seu ponto de vista e apresentar suas aprendizagens reais sobre determinado assunto.

Se um professor hoje, com os recursos que temos disponíveis, indicasse, por exemplo, três pontos de partida (*links*) para que os alunos desenvolvessem uma pesquisa sobre determinado assunto e lhes desse chance e tempo necessário para percorrer caminhos segundo suas subjetividades para a produção de um texto individual ou coletivo e a apresentação de uma análise crítica comparativa com os demais sobre os caminhos escolhidos, percorridos e as impressões e informações relevantes encontradas, estaria desenvolvendo a capacidade de pesquisa dos estudantes, a navegação consciente, e um olhar observador.

A grande questão é que, enquanto as empresas de marketing estão percebendo as transformações sociais que estamos vivendo e estão explorando todo o potencial das mídias digitais, a escola ainda hoje se mantém em sua sequencialidade física, estrutural e formal. Chartier (2002, p. 24) também assinala que mudou a “modalidade técnica da produção do escrito”, alterou o modo de “percepção das entidades textuais” e ocorreu uma revolução nas “estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita”. Entretanto, diante de todas essas transformações, a escola ainda privilegia a leitura recortada, de fragmentos estanques em livros impressos, baseada em aulas sequenciais e fechadas, sob estruturas curriculares lineares. Isso me leva a retornar ao que apresentei no início deste meu artigo:

- Por mais que professores, em práticas docentes inovadoras, adotem atividades com o uso de suportes e ferramentas digitais, a obrigatoriedade da realização das tarefas, naquele formato, a partir dos pressupostos estabelecidos, transforma todo o processo em algo desvinculado do que existe no cotidiano do aluno. Isso, na verdade, é a linearização de recursos que possibilitariam uma construção individual ou coletiva da aprendizagem.

Será que precisamos realmente nos perguntar por que muitos estudantes tornam-se resistentes ao uso de mídias digitais nas práticas de sala de aula? Talvez possamos inferir que sua reação vem ao encontro da ininteligibilidade das propostas com tais recursos. Dito de outra forma: talvez os estudantes com uma percepção crítica neguem, desde o início, o processo por não vê-lo ou por não entendê-lo

como uma prática inovadora de fato ou, simplesmente, porque tal atividade, mesmo num suporte midiático, continua não se mostrando interessante para eles.

Existe uma diferença grande entre o que o jovem faz espontaneamente na Internet e o que é proposto a ele que seja feito. A Internet, por si só, não vai trazer o aluno para a aula. A ferramenta será boa se servir para um fim que desperte interesse e participação. Se for apenas para se adequar à “realidade” do jovem hoje, podemos estar indo pelo caminho errado...

Para Assmann, os acomodados e os mantidos pouco criativos se arriscam a absorver passivamente muito pouco além de fragmentos dispersos de um universo informativo em que há de tudo. Nas palavras desse autor, “no oceano da conectividade, subsiste o risco de virar concha presa a um ou poucos fragmentos de pedra.” (2000, p. 11) Corremos realmente o risco de vaguearmos pelos hipertextos em uma atitude de passeio eterno sem a preocupação de focar em algo. Aliás, essa leitura vaga, despreocupada, sem uma finalidade me parece muito comum hoje entre os jovens. A navegação, na maioria das vezes, não parece ter um objetivo específico. Ela pode até resultar em algo pela descoberta casual de alguma coisa interessante, mas também pode se resumir a um simples passar de tempo, sem que nada se tire dali, a não ser o preenchimento de um tempo ocioso.

Por esse motivo, uma aprendizagem crítica, capaz de lidar com a efemeridade dos percursos hipertextuais se faz necessária e urgente para a sociedade hoje. A inclusão digital não diz respeito apenas ao acesso, mas também – e talvez principalmente – aos conhecimentos necessários para usufruir bem desse acesso. A inclusão digital, na verdade, não substitui a necessidade do aprendizado. No entanto, é preciso perceber que enquanto o mundo do lado de fora da escola está fervilhando em informações, barulho e agitação, ainda hoje se espera uma escola com salas de aula paradas, silenciosas, com carteiras enfileiradas, de preferência sem que haja comunicação entre os alunos durante as aulas.

Tantas metamorfoses...

Até aqui mencionei algumas metamorfoses. Mudamos no modo como lidamos com a informação, no modo como privilegiamos ou descartamos essa informação; mudamos também no modo como percorremos as páginas/telas que se

abrem aos nossos olhos. A sociedade mudou na forma como lidamos com a gestão de uma conta bancária, nas possibilidades para fazermos compras presencialmente com cartões com chip ou virtualmente através de sites cada vez mais preparados para nos dar segurança e prestar um bom serviço. Poderíamos elencar inúmeras mudanças, mas o que vemos e sentimos é que estamos em uma sociedade cujas relações sociais, de produção e de consumo, recaem, na maioria das vezes, sobre a efemeridade reforçada por uma rápida “substituibilidade” (ZUIN, 2012, p. 116).

O mais interessante é que a maior das metamorfoses vem ocorrendo de um modo geral em toda a sociedade brasileira, incluindo as classes C, D e E. Vemos que a “sociedade do espetáculo” hoje (entenda-se aqui como espetacularização da vida privada) faz-nos esquecer que as imagens são simples representações. Elas passam a ser o nosso real na vida virtual que vivemos em consonância com a presencial. Segundo Sherry Turkle (1999), as fronteiras estão cada vez mais traspassáveis. Por isso, comete-se “um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não”.

Em matéria de quatorze páginas apresentada na Revista O Globo, de 04 de novembro de 2012, foi feita uma leitura a respeito da mudança de comportamento das classes C, D e E no registro de imagens e na afirmação da identidade através do acesso a celulares e a câmeras digitais. Por trás de várias histórias (por exemplo, de ex-menina de rua, de pescador, de moradora de comunidade), percebemos que o acesso aos novos dispositivos móveis, como celulares e câmeras digitais, e a facilidade de lidar com programas de computador para armazenar imagens e vídeos, permite que aqueles a quem até há pouco era negada a construção de sua própria história, possa fazê-lo a partir de si mesmo, de sua visão de mundo, de seu *locus* e *focus*. Segundo Zuin (2012):

Não é obra do acaso a compulsão de verificarmos, num intervalo de tempo cada vez menor, se somos “observados” por nossas mensagens que abastecem a caixa de e-mails (colocaria no lugar de e-mails o Facebook), ou então a avidez daqueles que passam madrugadas inteiras eletronicamente “conectados”. (p. 102, comentário entre parênteses acrescentado por mim)

Se os exemplos que trago são os que estão circulando na mídia televisiva (propaganda da Vivo) e na mídia impressa (matéria sobre as classes C, D e E) é porque o meu objetivo maior é demonstrar que o que se propõe neste artigo

acadêmico está mais do que representado, de fato, na sociedade atual. As mídias digitais fazem parte do nosso dia a dia, seja no trabalho, em casa, na praia, no shopping, no cinema, nos parques, no mercado, na Igreja... Na escola, então, não deveria ser diferente. O que quero levantar neste artigo é a necessidade urgente de se desenvolver (de forma concreta, não apenas como mais uma figura de retórica nos escritos pedagógicos) um espírito crítico diante da realidade de mundo que vivemos hoje, mas isso não vai ocorrer em atividades construídas artificialmente. Já foi o tempo em que no colégio os alunos faziam experiências em laboratórios e se contentavam com essas oficinas práticas experimentais. Eles, hoje, possuem em suas mãos tecnologia de ponta que lhes permite acessar o mundo em segundos e dessa forma registram seus passos e constroem suas identidades, apontam, criticam e questionam o que fazem e veem, buscam informação – nesse processo natural aos dias de hoje de “distração concentrada” (ZUIN, 2012, p. 101) – e a descartam também com facilidade por não lhes interessar.

Da mesma forma que o lápis, o papel, a caneta e os livros sempre estiveram na escola e fora dela, assim como os textos que por meio dessas tecnologias criávamos; hoje as câmeras digitais, celulares, computadores, *laptops* e *tablets*, com acesso à Internet, devem estar dentro e fora das salas de aula. O uso crítico desses novos suportes e a atitude reflexiva e crítica dos textos e produtos criados a partir dessas novas tecnologias (e das outras que estão por vir) só poderão ocorrer de fato se estiverem integradas ao dia a dia dos alunos sem que a isso se crie um aspecto de novidade, de “artificialidade”.

Não podemos achar que as mídias digitais são a solução ou o meio para resolver os problemas da Educação. Elas, por si só, são apenas ferramentas. Na verdade, nem somente as mídias digitais, nem somente os sujeitos. Na cultura contemporânea, nem as mídias digitais nem os sujeitos, colocados como polos opostos e apartados, são os protagonistas. A cultura se faz e se constitui na relação entre sujeitos (criadores e usuários) e as mídias digitais (criaturas e meio).

Por isso iniciei este texto com a propaganda da Vivo e mencionei no decorrer dele a matéria sobre o uso que as classes C, D e E estão fazendo dos celulares e câmeras digitais para contar e divulgar suas histórias e imprimir valor a suas identidades. Não está em jogo mais se devemos ou não usar tais recursos. As mídias digitais são intrínsecas à nossa cultura hoje. Da mesma forma que o fogão e

a geladeira um dia transformaram nossa forma de nos relacionar com os alimentos, a metamorfose cultural a partir das mídias digitais já aconteceu. Já ocorreram e talvez ainda estejam por vir novas transformações nas interações sociais, na linguagem, no modo de lidar com a informação, de contatar o outro, de prestar atenção no que passa ao redor, na forma de selecionar conteúdo... Mesmo os menos incluídos socialmente, de algum modo também já estão se incluindo nessa nova cultura. Por mais que sejam ainda pouco produtores de conteúdo, já perceberam a importância do celular, da câmera digital, das ferramentas de arquivo de fotos e vídeos no computador e já estão se embrenhando pelos mares das redes sociais porque querem também ter uma identidade digital. Afinal, nos dias de hoje, podemos, parafraseando Descartes, dizer: “Compartilho, logo existo”.

Referências bibliográficas

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. In. *Ciência da Informação*, v.29, n.2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/247/215>>. Acesso em 27/09/2012.

BUSH, V. As we may think. In. *The Atlantic Monthly*, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>>. Acesso em 27/11/2012.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a Era da Informação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. Vol. 1.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FERNANDEZ, M. A. *Percursos e estratégias de leitura-navegação de jovens universitários*. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – PUC-Rio.

KEEN, A. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LEMONS, A. *Ciber-cultura-remix*. Artigo apresentado no seminário “Sentidos e Processos” dentro da mostra “Cinético Digital”, no Centro Itaú Cultural, São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>>. Acesso em 27/11/2012.

_____. *Cultura das redes – ciberensaios para o século XXI*. Salvador: EdUFBA, 2002.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In. *Linguagem & Ensino*, v.4, n.1, p. 79-111, 2001.

MARTINS, T. M. O. *As mídias digitais na e além da sala de aula*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC-Rio.

MENEZES, M.; FARAH, T. Muito além de impressões digitais. In. *Revista O Globo*, ano 9, n.432, p. 30-43, 2012.

MOREIRA, W.; BARRETO, A. M. Hipertexto, leitura e autonomia do leitor. In. BRITO, Eliana Vianna Brito; GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha (Orgs.). *Pesquisas em linguística Aplicada: múltiplos enfoques*. Taubaté: Cabral, 2007. Disponível em <http://profwalter.com.br/wp-content/uploads/2011/06/MoreiraW_HipertextoLeituraEAutonomiaDoLeitor.pdf>. Acesso em 20/08/2012.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. 2005 Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica”. In. FERNANDEZ, Marcela Afonso. *Percursos e estratégias de leitura -navegação de jovens universitários*. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SHIRKY, C. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, M. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. In. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.37, dezembro de 2008.

TURKLE, S. Sherry. Turkle: fronteiras do real e do virtual. Entrevista. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n.11, dezembro de 1999. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3057/2335>>. Acesso em 27/11/2012

ZUIN, A. A. S. *Violência e tabu entre professores e alunos: a Internet e a reconfiguração do elo pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2012.